

26 JUN 1997

GLOBO

OPINIÃO • 7

O leão e a orquídea

JOSÉ SARNEY

Hong Kong volta à China. É um fato político tratado pela mídia nos seus aspectos formais e inusitados: desaparecem a coroa britânica gravada em dourado sobre um fundo vermelho, os retratos da rainha Elizabeth e do príncipe Philip são retirados, colocam-se novos retratos, de Tung che Hwa, o novo governador chinês; o iate "Britânia", símbolo da realeza e lembrança do velho império britânico, deixa o porto da cidade, meia-noite do dia 30, levando o príncipe Charles e o último governador Chris Patten, depois da cerimônia do adeus, em que Jiang Zemin, presidente da China, recebe o mando definitivo do território. Tudo muito bem organizado e solene como fazem os britânicos. Os negociantes de *souvenir* não perdem a oportunidade e vendem lembranças desde papel com o timbre inglês até latas lacradas com o último ar de Hong Kong colônia! A meteorologia anuncia que há muita probabilidade de chover nessa noite do dia 30, de glórias e lágrimas.

Mas, atrás desse episódio, existe uma última página que encerra uma etapa da História da Humanidade: o colonialismo. Depois da Segunda Guerra Mundial iniciou-se o processo que não cessou. O primeiro grande campo de batalha foi a África, toda ela ocupada e explorada por países europeus. A independência em muitos lugares foi feita por sangrentas guerras e outros, por processos menos traumáticos. Os ingleses encontraram soluções negociadas em suas maiores possessões, a maior delas, a Índia, que Lord Monbatten dividiu com uma régua e assistência de geógrafos ingleses, deixando para trás o problema de Bangladesh e Paquistão.

Com Hong Kong, a pérola do colonialismo, igual a Goa Dourada dos portugueses do século XVI, resistiu até o fim do século XX. Foram Margaret Thatcher e Deng Xiaoping que em 19 de dezembro de 1984 firmaram a declaração de devolução do território à China em 1º de julho de 1997. Foi nesse instante que Deng explicitou melhor sua teoria "um país, dois sistemas". A declaração do exercício da soberania chinesa sobre Hong Kong estabeleceu que, durante 50 anos, ali existirá uma "região administrativa especial". "O sistema capitalista e o

estilo de vida de Hong Kong serão inalterados durante 50 anos. O Governo de Hong Kong manterá os direitos e liberdades previstos pelas leis em vigor e respeitará as liberdades individuais de expressão e da imprensa."

As palavras são muito claras, difícil será este outro tipo de coabitação, muito mais complexo do que o francês. Para assegurar o funcionamento do cumprimento dos acordos, estabeleceu-se um sistema de eleições que asseguram um parlamento local, nomeada a parte dos chineses e eleita a dos cidadãos de Hong Kong.

A verdade é que a realidade da política ditará o que vai acontecer. Há um grande esforço para inspirar confiança e dizer que nada mudará. Ao contrário, sem o protecionismo inglês, o capital internacional de outros países terá oportunidades que não tem.

Afinal, com Hong Kong chinês abre-se o mercado sem as limitações existentes, já que será território de um mesmo país.

Os problemas políticos, efeitos colaterais, entretanto, se desdobram. Depois de 1999, virá Macao. E depois? Taiwan já põe suas barbas de molho. A China diz que aquela ilha é uma província chinesa. Tchang Kai-shek aceitou a tese e queria libertar o território continental. Hoje, as coisas mudaram. Taiwan formalmente renunciou à aspiração de conquistar o continente e o que ali mais se deseja é a independência. Até mesmo porque 90% da população são taiwaneses, que sofreram várias dominações alternadas de japoneses e chineses. Como as coisas na Ásia são muito a seu modo, no meio dessa briga cem mil taiwaneses têm residência permanente na China continental, onde administram 30 mil empresas de Taiwan, que é o quarto parceiro de Pequim, depois de Japão, Hong Kong e Estados Unidos.

Assim, se a experiência de Hong Kong "um país, dois sistemas" funcionar bem, inevitavelmente o problema de Taiwan vai tomar outro rumo e as pressões vão aumentar.

O jogo dos conflitos, num mundo em que desapareceram as hipóteses da guerra, tem na Ásia alguns vulcões. Restam Taiwan, Coréia do Norte e, sem dúvida, o papel preponderante que a Índia vai jogar no século XXI, com a possibilidade de ultrapassar a população chinesa e afirmar-se como grande potência.

Hoje apenas assistimos ao fim, a última página do maior império colonial — o inglês — que se espalhou pelo mundo inteiro, deixou instituições, língua, costumes e que sucumbe à inexorável marcha da História: troca-se o leão heráldico pela orquídea, novo símbolo dessa cidade de luzes e riquezas — Hong Kong — que agora tem o vento da Baía dos Perfumes batendo na bandeira vermelha da China, com seus mistérios, sua sofrida história e suas ambições.

JOSE SARNEY é senador pelo PMDB.